

ISSN 2525-6904



ARTIGOS



Expressões de Masculinidades de Homens Usuários do Aplicativo Grindr

Anderson Reis SOUSA, *Universidade Federal da Bahia*

Fernando Jorge Nascimento SANTOS JUNIOR, *UFBA*

Tilson Nunes MOTA, *Universidade Federal da Bahia*

Este estudo tem por objetivo desvelar as expressões de masculinidades manifestadas a partir do discurso de homens usuários do aplicativo Grindr. Trata-se de um estudo netnográfico, descritivo, qualitativo, realizado através do aplicativo de relacionamento gay Grindr. Os resultados revelam que as expressões das masculinidades apresentadas nos perfis dos usuários são demarcadas por constructos hegemônicos e contra hegemônicos. Além disso, constatamos a ocorrência de opressões, desigualdades e a disseminação do ódio que pode influenciar na manutenção de relações saudáveis estabelecidas através do aplicativo.

PALAVRAS-CHAVE: Homens. Masculinidades. Aplicativos móveis. Grindr.



Introdução

O boom da internet, no início do século XXI, promoveu um espaço favorável para criação de novas formas de conexão entre as pessoas. Dentre estas, estão as redes sociais, que surgem como uma estratégia comunicacional e de estabelecimento de relações. Através de uma plataforma virtual, indivíduos conectados à internet, em diversas áreas do globo, podem se comunicar e trocar informações. Assim, a velocidade com que o conteúdo é compartilhado através das redes sociais fez destas o principal meio de comunicação da atualidade.

Dentre as redes sociais criadas, estão presentes os aplicativos de relacionamento, que surgiram com o objetivo de facilitar o encontro de pessoas com interesses em comum. Os usos destas plataformas de contato têm sido cada vez mais adotados, por ser considerada uma forma segura e/ou conveniente de conhecer novas pessoas. Os critérios de identificação para criar um perfil, facilita aos usuários buscarem indivíduos com características semelhantes ou agradáveis à sua idealização de parceria (MISKOLCI, 2015; BAPTISTA, 2018).

Em dezembro de 2018, a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL), registrou mais de 229 milhões de linhas móveis só no Brasil (ANATEL, 2019). Dados como este revelam que o uso de smartphones favorece a interatividade do público LGBT no aplicativo. Uma vez que a quantidade aparelhos é maior que a população brasileira, o que torna a possibilidade de acesso a rede amplificada.

Para fins de promover socialização entre o público gay, bissexual, trans, não binário e *queer*, o Grindr foi primeiro aplicativo criado para tal finalidade. Surgido em 2009, em Los Angeles, serviu inicialmente como um localizador de indivíduos considerados gays. Através do GPS (*Global Positioning System*), de smartphones e tablets, o Grindr estabelece uma relação de perfis ordenados, inicialmente, pela distância. A plataforma aporta bilhões de usuários em todo o planeta e afirma trabalhar por um mundo seguro, justo e inclusivo para todas as orientações sexuais e identidades de gênero (GRINDR, 2019).

A interface do aplicativo é formatada pela junção das fotos de cada perfil, o toque na foto expõe informações disponibilizadas por cada usuário, que socializam diversos conteúdos pessoais, tais como: fenótipos, desejos, preferências entre outras. Especificamente no Grindr, são recenseados os dados relativos à idade, altura, peso, etnia, porte físico, tribos a qual pertence, posição sexual, orientação sexual,



identidade de gênero, interesse de busca, relacionamento atual e saúde sexual (status HIV e data do último teste de detecção para o HIV) (GRINDR, 2019).

É nesta seara que, hodiernamente, milhões de pessoas imprimem diversas expressões de masculinidade no aplicativo. A disparidade das manifestações de masculinidades, em aplicativos de relacionamento, é fruto de um regime de visibilidade sexual, na qual percebe-se um espectro de sexualidades com variações de aceitação social. Nesse espectro de categorizações, os agrupamentos são comuns e tendem a se configurar enquanto prática de segregação, por uma camada opressora, fruto da masculinidade hegemônica, que coloca qualquer outra forma de masculinidade em posição subalterna (MISKOLCI, 2015; BAPTISTA, 2018).

O debate em torno da identidade masculina tem sido alvo de interesse, como forma para buscar desvelar a chamada “crise da masculinidade”, neste caso a masculinidade hegemônica, a partir do momento em que as questões do masculino foram colocadas em ‘xeque’. CONNELL (1995) foi pioneira ao conceituar a masculinidade hegemônica, aquela que é estruturada no patriarcado e colonialismo, sob o qual potencializam-se a *branquitude*, heterossexualidade, virilidade, força e honra, tal qual o poder e dominação, quer sejam sobre as mulheres, quer sejam sobre outras categorias de homens, neste caso àquelas não enquadradas nos moldes supracitados.

Nesse campo de debate sobre pensar as masculinidades, Connell também ressalta que esta é uma situação intimamente relacionada à feminilidade e deve ser entendida de maneira associada (CONNELL, 1995). Sendo assim, será possível haver mais de uma configuração da posição de tornar-se homem, convidando-nos a reconhecer e falar em ‘masculinidades’, no plural.

A autora também chama a atenção de que nesse processo de construção social, as masculinidades são atravessadas por perspectivas corporais reflexivas e genéricas, não fixas, plurais, diversas, configuradas em dadas trajetórias em seu tempo. As masculinidades nesse sentido não são únicas, são desenhadas na história pelo processo social, que envolvem símbolos, signos, posições, comportamentos, atitudes, desejos e discursos (CONNELL, 1995).

Diante do exposto e dada a necessidade de ampliação do conhecimento direcionado às práticas de interação e relacionamento de



homens, tal como das construções das masculinidades em novos espaços de socialização e convivência, faz-se imprescindível a investigação científica sobre a temática. Nesse sentido, este artigo buscou responder ao problema: Como se configuram as expressões de masculinidades manifestadas por homens usuários do aplicativo Grindr? Como forma de responder esta pergunta de pesquisa, tem-se como objetivo desvelar as expressões de masculinidades manifestadas a partir do discurso de homens usuários do aplicativo Grindr.

Metodologia

Trata-se de um estudo netnográfico (etnografia virtual), descritivo, qualitativo, realizado através do aplicativo de relacionamento gay, Grindr. O estudo vincula-se ao Grupo de Estudos Sobre o Cuidado e Saúde, por meio da linha de pesquisa em masculinidades e saúde de homens, vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia.

O termo netnografia é um método especializado de etnografia tendo como meio a ambiência virtual, nesse caso, ao aplicativo de relacionamento online através de um acompanhamento dos atores sociais. Vale salientar, que as dinâmicas comunicacionais tanto entre os objetos observados como na relação existente entre o pesquisador e o objeto podem tornam-se divergentes, sobretudo quando o assunto é a relação existente à noção de tempo-espaco (HINE, 2005; HODKINSON, 2005). Nesse sentido, a netnografia permite a localização de objetos no ciberespaco e para sua operacionalização são demandados instrumental apropriado para a sua análise, como forma de ampliar as possibilidades epistemológicas presentes nos estudos comunicacionais e da cibercultura (ROCHA; MONTADARDO, 2005).

A escolha do aplicativo *Grindr* se deu devido ao uso destinado a conectar homens gays, bissexuais, transexuais e *queer*, que mais detém milhões de usuários em todo o mundo. A plataforma utiliza a geolocalização, para aproximar as pessoas no intuito de estabelecer a comunicação, bem como configura-se como um aplicativo que além da diversão agrega a comunidade LGBTQ+, por meio da expansão à outras plataformas a exemplo do *Facebook* e *Instagram* (GRINDR, 2019).

A coleta de dados, ocorreu julho de 2018 e junho de 2019, de maneira aleatória e itinerante, em sete cidades do Estado da Bahia,



compreendendo municípios de pequeno, médio e grande contingente populacional, incluindo a capital Salvador, onde abarcou-se bairros centrais e periféricos. A coleta teve a supervisão de um pesquisador central e foi realizada prioritariamente, mas não definitivamente, no período das 10 horas da manhã, 12 horas, 15, 17, 19 horas, finalizando às 22 horas, por terem sido identificadas enquanto horários de maiores fluxos no aplicativo.

Privilegiou-se na coleta de dados, perfis cuja a descrição apresentavam o pronome Ele/Dele, cuja a identidade autorreferida era masculina, não binária e queer e por meio da leitura do arquétipo corporal presente nas imagens de apresentação. Além disso, priorizou-se usuários que demonstravam ser residentes no estado da Bahia. Portanto, não foram coletados perfis de turistas estrangeiros, naturalizados ou visitantes de demais estados do país.

Os dados extraídos foram retirados da página principal de apresentação do usuário no Grindr, não sendo realizada nenhuma forma de interação através do bate papo. Sendo coletadas as descrições presente no perfil juntamente com os discursos de apresentação e de autodefinição dos mesmos.

Em seguida todo os dados foram transcritos, submetidos à organização, sistematização e categorização, através do *Software NVIVO 10*, sendo trabalhados em computador próprio nas instalações da Universidade. A interpretação e análise dos dados foi estruturada a partir do método de análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005) sob a luz do referencial teórico das masculinidades com base no pensamento de Connell. A fim de garantir o rigor no processo de operacionalização do estudo qualitativo, seguiu-se as diretrizes do *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ).

Os dados coletados compuseram uma amostra de 3.245 perfis, na faixa etária entre 18 a 61 anos, de *porte físico* predominantemente torneado, seguido de musculoso e parrudo; quanto a *posição sexual*, houveram mais passivos, seguido de versáteis e ativos; etnia negra, seguida de mestiça, latina e branca. Dentre as *tribos* houve predominância dos usuários declararam serem afins de discretos, garotos e malhadinho, e encontravam-se *em busca de agora*, seguido de conversa, contatos, namoro e amigos. Todas essas variáveis se



configuram em requisitos de caracterização dos usuários, sendo estas próprias do aplicativo.

A partir de então, criou-se categorias de análise centrais (Ideias Centrais), que agrupam um discurso síntese, analisados teoricamente, sob a ótica do referencial de masculinidades, baseado em CONNELL (1995).

Resultados e Discussão

Os discursos do sujeito coletivo, emergiram e permitiram delinear categorias agrupadas de depoimentos individuais, dispostos nos perfis de apresentação que apresentavam carga semântica semelhante. Pode-se afirmar que estes discursos apareceram enquanto movimentos de manutenção de hegemonia, mas também como tensionamento e proposição de outras expressões de masculinidades, conforme foram apresentados a seguir:

IDEIA CENTRAL 01: EXPRESSÕES DOS MODELOS DE MASCULINIDADES

Ideia Central 01A: Expressões das masculinidades hegemônicas no aplicativo *Grindr*

As expressões das masculinidades apresentadas nos perfis são demarcadas por constructos hegemônicos, a exemplo da autoafirmação do modelo representativo da figura de um homem forte, invulnerável, autossuficiente, destemido, honroso, sedutor, sexualmente ativo, viril, libertino, com comportamento preconceituoso e violento.

Sou boa pinta, top, seletivo, personalidade marcante, direto, sou hétero, sou casado com mulher, mas ela não sabe de nada. Tenho jeito de hétero. Pego só os que são e tem pegada de héteros, casados e tirados à macho, senão nem tente. Tenho postura de macho, putão e só estou no aplicativo para curtição, diversão e aventura. Sou ativo, dominador, dotado, desmarcado, ggg, viril, bom de cama, que faz gostoso, não nego fogo. Tenho tesão permanente, pegada firme, forte e violenta, de baiano sacana. Só curto na entoca e sou fora do meio LGBT. Não curto muito essa onda virtual, minha pegada é o ao vivo. Curto caras masculinos, cabra macho, plantados, sem frescuras, sem 'mimimi'. Prefiro homens com todos os atributos que os fazem homem, com jeito de homem, voz de homem, voz grossa, cavanhaque,



bigode, e pegada de homem e que seja homem, que sejam másculos, bonitos e que não levantem 1% de suspeita, aquele brother que passa como amigo e a gente fode sem ninguém saber, pois tenho interesse em macheza e a discricção me dá tesão. Não curto e nem tenho tesão por afeminados, assumidos ou afetados, não me excitam. Passivo só se for macho, se for afeminado, barbie ou com a sobancelha feita é sem chance, passa longe, não fala comigo, caia fora, vaza. ‘Gayzistas’ nem se atrevam, pois serão reduzidos a pó. Não gosto e pronto! Gordos, obesos, velhos, carecas, fumantes, estou fora. Só curto caras com o mesmo perfil. O primordial é homem com atitude de macho. Masculinidade é fundamental. (DSC de homens usuários do Grindr).

Ideia Central 01B: Expressões das masculinidades contra hegemônicas no aplicativo Grindr

Os moldes expressivos das masculinidades, aqui denominadas de contra hegemônicas, não centradas, é evidenciada com base nos marcadores de fluidez, amplitude, pluralidade, desconstrução, autoconhecimento, respeito, tolerância e diversidade entrelaçados pelas feminilidades.

Estou aberto às possibilidades, a caminhada fabricou um novo eu. Sou um livro em construção. Meu tesão é por gente bem resolvida e feliz. Sou tranquilo, bem resolvido, sem pressa, neuras, regras ou exigências definitivas e gosto de quebrar paradigmas. Não sou macho alfa, não vou me depilar só por exigência, prefiro mais velhos, curto gordos, peludos, uso cabelo na altura dos ombros, na maioria das vezes com estilo samurai, pinto as unhas dos pés, sou homem trans, queer, não binário, altruísta, subversivo e descolado. Não interfiro na visão de mundo alheia desde que a minha não esteja em risco. Não busco a aprovação das pessoas, busco a reciprocidade. Respeito o grau de aceitação de cada um. Sou feminista sim! Curto muito a feminilização! Não tenho problemas em ser tratada como menina mesmo tendo barba e pelos. Quantos termos técnicos vocês ainda precisam criar, hein machistas? Aqui não é uma fábrica moldada a idealização de seu ego. Pessoas rotulistas não são boas de cama e eu não tenho paciência para hipócritas e pseudohéteros, por isso não venha com essa história de “nada contra, mas não sinto tesão”. Se não gosta de ambiente LGBT deleta o aplicativo, mas saiba que guetos gays, tantos reais como virtuais são necessários, afinal a vida sem preconceitos apimenta ainda mais a relação. Não seja bacaba. Fora machista, misógino e racista. Não a homofobia. Somos todos iguais, respeito em primeiro lugar e mais amor por favor. Conhecimento dará o poder e a atitude o respeito. Masculinidades



feridas não me atraem, xô com seus preconceitos. Se for rolar tem que ser com afeto. Sexo seguro agora. (DSC de homens frequentadores do Grindr).

IDEIA CENTRAL 02: ELEMENTOS EXPRESSIVOS DAS MASCULINIDADES

Ideia Central 02A: Corporeidade

A construção de corpo presente nas expressões das masculinidades esteve encontrada em polos distintos. Estes estiveram demarcados tanto por um corpo padrão hierarquizado (belo, magro, definido, forte e hiper sexualizado) quanto pela concepção de corpo tomando como base outras referências que não as anteriores, a exemplo da adoção e desejo por corpos gordos, peludos e envelhecidos, com um questionamento ao narcisismo, egocentrismo e o culto ao corpo.

Sou alto, tenho corpo e peitoral liso, malhado, magro, atlético, musculoso, coxas grossas, másculo, forte, sarado, sensual, sex, gostoso, definido. Sou bonito, cheiroso e tenho marca de sunga e procuro por semelhantes. (DSC de homens frequentadores do Grindr).

Narcisista, egocêntrico? Não sou sarado e não exijo o você sejam. Para que corpo sarado se a mangueira não dá conta do ralo? Não tenho tempo para a gente complexada por corpo. Se a sua interpretação de ser está em seu perfil físico, então você não me serve. Beleza não é tudo, seu jeito me impressiona mais do que seu corpo. Garanto que sou mais do que um corpo desnudo em cima da cama, pois corpo não é tudo. Não busco pessoas de belezas extremas, bonitas, fortes, corpos perfeitos, pois sei que não existem, procuro pessoas que saibam o que realmente é ser bonito como ser humano. Aqui é apenas uma vitrine, as fotos que você mostra não consegue repassar a essência. São muitas as exigências, como se fossem para um book teste da 'banana's from Brazil'. Quer fotos? Então mande primeiro. Se você quer gay maromba segundo os padrões sociais então passe longe. Não ligo para a sua barriga tanquinho, sua barriga sarada não muda minha opinião. Não sou malhado e também não caras extremamente malhados e bonitos. Busco viver a vida e não estou à procura de pessoas bonitas de corpo, mas sim de pessoas que sabem o que realmente é ser bonito enquanto ser humano. Sou gordo sim, gordinho, urso e gosto de gordo. Baixinho, peludo, sou gamado em cara sem depilação, tudo natural e livre. Sou cadeirante e deficiente auditivo. Infelizmente vivemos em um mundo



*onde o corpo vale mais que o caráter. Quer príncipe pule de perfil.
Não cobre do outro o que você não tem. Meu corpo, minhas regras!*
(DSC de homens frequentadores do Grindr).

Ideia Central 02B: Expressões das práticas afetivas

As construções das práticas afetivas por homens usuários do Grindr, em maior parte conformam o estabelecimento de relações pontuais, efêmeras, de curta duração, motivadas por tesão, desejo, atributos físicos, áreas erógenas e objetivadas na ejaculação. Em contrapartida, observou-se a presença de usuários manifestando o desejo por práticas afetuosas, duradouras, recíprocas, não limitadas ao sexo, com o desenvolvimento de vínculos e relacionamentos, aspirando amizades, crescimento pessoal/intelectual e/ou namoro.

Sou foda! Só marco encontro, não agendo sexo. Me chamo garoto sexo: pouca conversa e mais ação. Comigo é sem paixões, afinal de contas eu não estou aqui para casamentos, então vai logo agilizando. Só curto se for sem enrolação. Estou aqui para meter e/ou sentar no seu pau e sentir ele todo dentro de mim. Tenho tendência ao desapego. Se você estiver afim de real venha para cima, pois sou imediatista, gosto do presente, do agora e do já. Estou cheio de tesão e com vontade de gozar. Odeio perder o tempo, só me chame se for para real. Para adiantar o lado já vá mandando logo o “nudes” do rabo e do pauzão, mande também foto do rosto sem chapéu e óculos escuro, mas eu não mando foto, só faço vídeo chamada. Se for bonito e gostoso é só chegar. Seja direto, pule as formalidades, odeio perguntas tolas, como por exemplo o que curte? Como está? Bom dia! O que busca? Afim de que? Tenha objetividade, praticidade e agilize para fazer acontecer. Só quero sexo, curtir uma foda e nada mais, no máximo uma amizade sexual ou um amante fixo. Tenho local de segunda a quinta-feira à tarde, mas se isso não acontecer eu dou logo um ‘block’, portanto não seja idiota, sou alérgico a gente mediana e medíocre, pois vai levar um fora ou ser ignorado, afinal o silêncio fala alto e também é resposta. Está faltando mesmo é homem com atitude de macho. (DSC de homens frequentadores do Grindr).

Menos máscaras e mais afeto. Sem essa de maluquice de pensar que estamos cometendo um crime hediondo, e que devemos estar em sigilo absoluto. Eu considero este aplicativo para conhecer pessoas e não só para transar, portanto, estou em busca de algo bom, simples e leve. Sou para os caras sensíveis, pode chegar sem medo e sem pressão. Sou um ser humano em busca de ser humanizado, sou carinhoso, cheio de alegria de viver, equilíbrio e sentimentos bons no



coração, sou do bem. Sexo é bom, mas não é tudo, eu desejo conhecer alguém legal, um cara maduro, homem de verdade, comprometido, que tenha conteúdo, seja educado, que esteja em busca de conexões do bem, que não tenha desespero nem enrolação, me façam viajar e busque fugir do trivial. Quero alguém que cuide do corpo e da mente e que tenha uma mente ampla. Quero atração química, suavidade, afinidade, intimidade, empatia e tesão. Não busco sexo de imediato ou 'fastfoda', gosto de conversar e conhecer o outro melhor e ver as afinidades. Gosto de arte, música, vídeo games, mangá, animes, sair por aí, escrever poesia, enfim, tudo o que for voltado ao mundo das artes em geral. Quero uma boa companhia, alguém para beijar, abraçar, dar uns amassos, tomar um vinho, uma cerveja, comer pipoca, passear, papear, fazer um cafuné, dormir abraçado, agarradinho, me conectar, envolver antes do sexo, transar e depois assistir netflix, filmes, bons livros, músicas, restaurantes, jogar conversa fora, falar e filosofar sobre a vida, ouvir um desabafo, dormir de conchinha e/ou não fazer nada, ouvir Maysa e Maria Bethânia junto comigo. Poupe-me dos teus "nudes", priorizo papos construtivos, pessoas intensas, legais, honestas, inteligente, educadas, e com conteúdo, sempre disposto a fazer novas amizades e conhecer novas pessoas. Busco um cara fantástico para um papo, uma amizade, quem sabe um namoro, a procura de um amor, viver a vida e ser feliz, afinal os sentimentos nunca envelhecem, mas será que ainda existe amor? (DSC de homens frequentadores do Grindr).

Quando observada as expressões das masculinidades apresentadas pelos usuários do aplicativo, percebeu-se que a maior parte demonstrava de maneira determinada um modelo de masculino pautado na negação da feminilidade e outrora da orientação sexual. Isto foi evidenciado ao passo que os homens manifestavam descrições como "postura de macho", "não curto e nem tenho tesão por afeminados", "sigiloso", "discreto", "casado com mulher" e "fora do meio LGBT". Isso pode ser justificado pela construção tradicional e hegemônica da masculinidade, que imprime atributos nos quais a feminilidade precisa ser negada (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Entre esses atributos, destacam-se a assertividade, agressividade e homofobia. (LEVANT; KOPECKY, 1995). O que pode também fazer parte da construção das identidades de homens gays.

O mesmo discurso também apresenta requinte de elementos da masculinidade hegemônica, em que com vivacidade os usuários potencializam conteúdos de hipersexualização dos corpos, de força, virilidade, imponência, sagacidade, autossuficiência, invulnerabilidade e honra e libertinagem.



Esse mesmo grupo de homens atestam, no espaço de interatividade, quem tem ou quem merece maior valor no aplicativo. Dessa forma, criam um processo de identificação dos sujeitos através dos gestos, das formas como se apresentam corporalmente, comportamentos adotados e formas com que se expressam, operando classificações, ordenações e hierarquias dos corpos (GALET, SEFFNER, 2016). Cabe destacar que a referida hierarquização parte dos referenciais de masculinização rígida através do porte físico, o timbre de voz grave, o tamanho do pênis avantajado, a negação de sentimento e a dominação. CONNELL (1995) que compreendeu as masculinidades como sendo uma configuração de prática em todo de uma posição dos homens em dada estrutura nas relações de gênero, também localizou de que nesse processo de construção do masculino, se dão fortemente as relações de carga simbólica e física, em especial contornadas pela dimensão da corporalidade, em dada relação social.

Nesse campo, a masculinidade hegemônica é configurada pelo reforço e naturalização à dominação, invulnerabilidade, força, virilidade exacerbada, nas quais homens manifestam em superioridade às mulheres, assim como sob outros grupos de homens, neste caso, os de masculinidade subalterna e/ou periférica/marginal. No modelo contra hegemônico, se estruturam as relações de não se pautam na *branquitude*, colonialismo, ocidentalidade, riqueza, heterossexualidade e cisgeneridade em sua supremacia (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

O conceito de masculinidade hegemônica emergiu influenciando sobremaneira os estudos de gênero, nos mais variados campos de formação acadêmica, sobretudo pela capacidade crítica de apontar e questionar tipologias rígidas e sólidas de gênero, a partir do reconhecimento de outros modelos de masculinidades existentes, nas quais se destacam às masculinidades subordinadas, que são influenciadas pelas dominantes. Essa construção de pensamento fez emergir formulações construtivistas de masculinidades múltiplas, em que enfatizada os processos de transformação, contrariando a característica unidimensional e hierárquica de gênero (CONNELL; MESSERSCHMIDT. 2013).

Por parte dessa naturalização, os contornos, arquétipos e estereótipos ditos masculinos, tornam-se elementos que estruturam possíveis referenciais de masculinidades, inclusive entre os homens gays, bissexuais, assim como de homens trans, não binários e *queers*. Este fato



é sustentado pela heteronormatividade, que determina normas sociais, não apenas à heterossexualidade, mas alcança a modelagem de outras relações possíveis, tais como as homossexuais (MISKOLCI, 2014).

Tal influência tem sido amplificada nas mídias digitais destinadas para fins de busca de parceiros do mesmo sexo, no qual novos regimes de visibilidade e do caráter social do desejo tem sido construído, e que são carregadas ainda por relações simbólicas, restritivas moralmente e reservadas à descrição e segredo. O uso das plataformas tecnológicas por este público, pode ser melhor compreendido a partir da ótica dos estudos *queer* e de gênero, por ampliar a problematização do papel do desejo, da sexualidade e do gênero na vida social, fazendo com que se compreenda o espaço de sociabilidade empregada no aplicativo, tal como o reconhecimento das subalternidades existentes no modo de expressão das identidades (MISKOLCI, 2015). A perspectiva *queer*, nesse sentido, possibilita subverter a lógica de compreensão das masculinidades, ao passo que se configura como sendo contra as normas sociais de gênero historicamente postas (BUTLER, 2002). Tal subversão, dar margem para o desvelar das performatividades, nas quais os usuários do aplicativo expressam um gênero performativo que aparenta regimes de regulação das diferenças existentes entre os gêneros (uns mantendo discursos de afirmação das masculinidades hegemônicas, enquanto que outros apresentam um combate à heteronormatividade).

Neste sentido, esta impregnação *heterossexista* e heteronormativa imposta na sociedade, faz com que sujeitos não heterossexuais passem a adotar padrões de comportamento, quer sejam eles estéticos e/ou políticos em dado agenciamento. Com isso é possível observar nas expressões de masculinidades apresentadas pelos usuários no aplicativo, a relação de centro/margem, gueto/mercado, reconhecimento/abjeção, desigualdades/direitos, observados também em outro estudo com local e população similar (MISKOLCI, 2015).

O estudo realizado em um aplicativo de software divergente, corrobora com os achados, na medida em que permitiu identificar a produção de pedagogias dos corpos e das homossexualidades, que se emergem ascendentemente na mercantilização dos corpos e potencialização da virilidade, no qual o músculo ganha contorno prioritário, denominado pelo grupo enquanto ‘filés’. Por outro lado, notou-se que os corpos transgressores às normas, recebem *status* inferiores, sendo estes os ‘mocotós’ (LIMA; COUTO, 2019). Sendo assim, é possível reconhecer que embora o aplicativo proporcione um espaço



para veiculação de visibilidade dos corpos de modo democrático, às homossexualidades emergem fruto de disparidades e desigualdades de poder.

E nesse sentido, são observadas por LOURO (2004), enquanto corpos estranhos, regulados por dispositivos institucionais, contestados politicamente, no qual, as sexualidades se mostram como sendo objeto de disputa. A partir desse olhar, cabe provocar: quais são os corpos que merecem importância? Que valor possui estas outras expressões de masculinidades nos espaços dos aplicativos de relacionamentos? A resposta para essas questões, podem ser melhor compreendidas a partir do gênero em seu sentido mais amplo, na qual CONNELL (1995), leva em consideração a sua influência na regulação do estado, nação, política, economia, família, na sexualidade e outras.

Também se observou que as expressões de masculinidades, expostas nos perfis, apresentavam chamadas de caráter preconceituoso, discriminatório, homofóbico e machista. Na qual privilegiava-se uma hipervalorização da posição sexual ativa, diminuindo e excluindo aqueles homens, cujo os ideais e performances de gênero apontassem traços de feminilidade.

Nesse bojo, importa saber que são selecionados à comporem esse grupo hegemônico, as categorias de homens que tiverem tais inscrições: serem jovem, não estar acima do peso, não fumar e não ser careca. Vale ressaltar que, homossexuais, e tantas outras pessoas que fogem das normas, sofrem com a política da heteronormatividade compulsória (PENEDO, 2008), ou seja, são reprimidas, disciplinadas e controladas por esses dispositivos/tecnologias. Sendo então, analisadas por COLLING (2020) enquanto uma heteronormatividade homofóbica, na qual o modelo heterossexual é visto como sendo único e saudável, fazendo com que gerasse normatização das relações sexuais.

Por sua vez, embora com menor notoriedade, emergiu um grupo cuja as construções das masculinidades não seguem padrões inflexíveis. A mesma encontra-se em constante devir e ao mesmo tempo em processo de autoconhecimento, avaliação, valorização da trajetória e autoafirmação das identidades (quer sejam elas cisgêneras, transgêneros, não binárias e *queers*). Essa nova possibilidade de exercer a masculinidade abre espaço para estabelecer relações e vivenciar possibilidades diversas, subvertendo a lógica tradicional do que é ser homem.



Apesar da presença do ocultamento e rechaço, experienciado por usuários nos aplicativos, cujas expressões de masculinidades mostram-se contra hegemônicas, a sua própria existência nesses espaços, tencionam territórios produtores de segregação, negação e invisibilidades, constituindo-se um ambiente de resistência política. A subalternidade, o determinismo, são desorganizados e desterritorializados, sobremaneira a partir das vivências transgressoras, como vistos nos corpos e masculinidades afeminadas, gordas, velhas e negras, de estudo realizado em outra ambiência digital (LIMA; COUTO, 2019).

Esse mesmo conjunto de usuários advogam, militam e enfrentam as normatizações de gênero cultuadas com maior visibilidade no aplicativo. Esse posicionamento abre espaço para dar visibilidade a novas categorias identitárias de masculinidades, pautada no respeito à diversidade, através de mobilizações de combate a homofobia e o racismo no espaço de sociabilidade do aplicativo em questão. Além disso, faz emergir na socialização estabelecida no aplicativo, os tensionamentos aos modelos masculinos considerados padrões, evidenciados pela demarcação de outros arquétipos e corpos dissidentes (gordo, careca, deficiente físico e auditivo e outros).

Quando observado a construção de corpo implicada às masculinidades, identificou-se que em um grupo há o estabelecimento de um padrão de beleza com arquétipo estritamente definido. Esse padrão é delineado por requisitos que se pautam na exposição exacerbada da força, do vigor, da estética, sexualização e que apenas se relacionam com indivíduos que detenham as mesmas características, excluindo os demais da possibilidade de estabelecer quaisquer relações. Neste sentido, é relevante destacar a necessidade de problematizar a desconstrução do corpo masculino enquanto alvo exclusivo de sexualização.

Pesquisadores Baianos, ao analisarem uma ambiência virtual homoafetiva equivalente ao Grindr, identificam que nestes espaços o corpo é mercadoria para conquista de prazer, desejo e sexo, objetivo principal dos usuários. Os estudiosos analisam que os corpos com hipertrofia muscular são os ideais simbólicos a serem aspirados e conquistados, o que cria uma pedagogia cultural que ensina procedimentos, comportamentos e valores privilegiados, causadores de hierarquização dos corpos e, por conseguinte, preconceito e homofobia (LIMA; COUTO, 2019). É notório que a hipervalorização do corpo



musculoso reafirma padrões da masculinidade hegemônica, onde o músculo é sinônimo de poder e virilidade.

Contrariando a lógica da valorização e centralidade da atenção direcionada ao corpo, manifestada pelo grupo anterior, ascenderam de modo representativo os questionamentos e combates à segregação corporal existente. Por meio da discordância à exaltação exagerada da própria personalidade e imagem conforme os padrões culturalmente estabelecidos. Nesse âmbito são conformadas construções de sentidos, rupturas, desejos, percepções múltiplas, livres e sem controle, em relação ao corpo.

As relações de afetividade demonstrada pelos grupos de homens, conformaram moldes distintos de expressões das masculinidades. Estas relações de afeto manifestada pela maior parte dos usuários, apontam para uma objetivação sexual, de caráter imediatista, motivadas pela pulsão quanto ao desejo corporal, e/ou sem romantizações, configurando o chamado “sexo casual”, que se traduz em transar sem compromissos ou obrigações. Tais achados vão ao encontro e ilustram a discussão realizada por pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais. Estes concluem o Grindr enquanto uma ambiência virtual, dificulta a formação de laços sociais e afetivos, assim como o estímulo à autoestima e uma vida plena em sociedade (SARAIVA; SANTOS; PEREIRA, 2020).

Entretanto, também se emergiu um discurso em que as relações afetuosas estiveram mais enfatizadas. Estes usuários, descreveram em seus perfis o desejo pelo estabelecimento de vínculos, conhecimento do outro e aspiração para desenvolver um contato mais intenso e duradouro, não assumindo o sexo como centralidade da relação.

Considerações finais

Os discursos apresentados nos perfis dos usuários do aplicativo Grindr permitiram evidenciar as expressões de masculinidades, por meio da identificação de grupos distintos nos quais conformam construções hegemônicas e contra hegemônicas de seus referenciais identitários, geracionais, políticos, étnicos, socioeconômicos, culturais, corporais, afetivos e sexuais.

Foi possível reconhecer as expressões de masculinidades diversas, com performances de gênero em grande parte centrada num modelo de



homem forte, viril, másculo, rude, invulnerável, honroso, preconceituoso, discriminatório, machista, mas também foi possível identificar a presença de um movimento tensionador dos processos de normatização dos corpos, das identidades e das existências possíveis de serem e se “fazer homem”. Nesse âmbito, os achados reforçam a ideia de que as masculinidades são e podem ser diversas, plurais, que são influenciadas e interseccionadas por atravessamentos de ordens diversas, como as ideias centrais dos discursos destacados.

As expressões desses elementos conduzem para a reflexão acerca da necessidade da busca pelo conhecimento sobre o modo como as pessoas têm construído suas identidades e estabelecido suas relações umas com as outras, podendo ser o meio eletrônico capaz de fazer com que isso aconteça.

Desse modo, o estudo torna-se relevante pois desvela a capacidade de levantar por meio da tecnologia, subsídios essenciais para entender novas formas de socialização, comportamentos, desempenho de papéis, construções ideológicas e de personalidade. Além disso, torna-se possível suscitar problemas que afetam manutenção saudável da sociedade, como a ocorrência de opressões, dominação, desigualdades, exclusões, segregação, iniquidades e a disseminação do ódio.

Por se compreender que os guetos de socialização gay e afins têm se modificado, transpassando os espaços físicos, como as boates, bares, saunas, clubes e pontos específicos de encontros nas cidades é importante reconhecer e valorizar o uso do aplicativo enquanto possibilidade de promoção do bem viver. Neste sentido, por intermédio dessas evidências, urge a importância de se trabalhar os desdobramentos das problemáticas identificadas em estudos futuros, a fim de que intervenções possam ser implementadas e que o uso dos aplicativos seja incorporado, dada a sua potencialidade em se constituir como um instrumento de investigação.

Referências

ANATEL. 01 de outubro de 2019. *Brasil registra 229 milhões de linhas móveis em dezembro*. Disponível em: <<http://www.anatel.gov.br/dados/acessos-telefonia-movel>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2020.



BAPTISTA, Rafael Ferraz. Masculinidades em Aplicativos de Encontros Gays: Análise da Negociação das Masculinidades e da Auto-Representação dos Corpos. *Revista Áskesis*, São Carlos, v.7, n.1, p. 68-78, jan/jun, 2018.

BUTLER, Judith. *Críticamente subversiva*. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. Sexualidades transgressoras. Una antología de estudios queer. Barcelona: Icaria editorial, 2002.

COLLING, Leandro. Mais definições em trânsito: Teoria Queer. Salvador, Bahia, 2020. Disponível em <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/TEORIAQUEER.pdf>.

CONNELL, Robert W. *Masculinities*. Berkeley: University of California Press, 1995.

CONNELL, Robert W. Políticas de Masculinidades. *Educação & Realidade*, Porto Alegre v. 20, n.2, p. 185-206, jul.-dez. 1995.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Rev. Estud. Fem.* Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, abr. 2013.

GALET, Carmen; SEFFNER, Fernando. Dois olhares sobre as masculinidades no ambiente escolar: Brasil e Espanha. *Rev. Ibero-Amer. de Est. Em Ed.* Araraquara, v. 11, n.2, abr-jun. 2016.

GRINDR. *Sobre: cheque mais e diretrizes da comunidade*. Disponível em: <<https://www.grindr.com/br/community-guidelines/?lang=pt>>. Acesso em: 10 de março de 2019.

HINE, Christine. Virtual Methods and the Sociology of CyberSocial-Scientific Knowledge. In: C. HINE (org), *Virtual Methods: Issues in Social Research on the Internet*. New York: Berg, 2005.

HODKINSON, Paul. 'Insider research' in the study of youth cultures. *Journal of Youth Studies*, Melbourne, v. 8, n.2, p. 131-149, jun. 2005.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. *Depoimentos e discursos*. Brasília (DF): Liberlivro, 2005.



LEVANT, Ronald F.; KOPECKY, Gini. *Masculinity Reconstructed: Changing the Rules of Manhood—At Work, in Relationships, and in Family Life*. New York: Dutton, 1995.

LIMA, Danillo Mota; COUTO, Edvaldo Souza. Filé e mocotó: pedagogias dos corpos e homossexualidade no Scruff. *Rev. Ibero-Ame. de Est. em Ed.* Araraquara, v. 14, n. 3, p. 1100-1110, jul/set. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo estranho*. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MISKOLCI, Richard. "Discreto e fora do meio" - Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea*. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 44, p. 61-90, jun. 2015.

MISKOLCI, Richard. Estranhando as ciências sociais: notas introdutórias sobre teoria queer. *Florestan*, vol. 1, n.2, 8-25, 2014.

PENEDO, Susana López. *El Labirinto Queer: La identidad en tiempos de neoliberalismo*. Barcelona: EGALES, 2008.

ROCHA, Paula. Jung; MONTARDO, Sandra. Portella. Netnografia. Incursões metodológicas na cibercultura. *Revista E-compós*, Brasília, v.4, p. 1-22, dez. 2005.

SARAIVA, Luiz Alex Silva; SANTOS, Leonardo Tadeu dos; PEREIRA, Jefferson Rodrigues. Heteronormatividade, Masculinidade e Preconceito em Aplicativos de Celular: O Caso do Grindr em uma Cidade Brasileira. *Brazilian Business Review*, Vitória, v. 17, n. 1, p. 114-13, fev. 2020.



Expressions of Masculinities of Men Using the Grindr App

ABSTRACT: This study aims to reveal the expressions of masculinities manifested from the discourse of men using the Grindr application. This is a netnographic, descriptive, qualitative study, carried out through the gay relationship app Grindr. The results reveal that the expressions of masculinities presented in the users' profiles are demarcated by hegemonic and counter-hegemonic constructs. In addition, we note the occurrence of oppression, inequality and the spread of hatred that can influence the maintenance of healthy relationships established through the application.

KEYWORDS: Men. Masculinities. Mobile apps. Grindr.

Anderson Reis SOUSA

Escola de Enfermagem da UFBA.

Fernando Jorge Nascimento SANTOS JUNIOR

Bacharelado Interdisciplinar em Saúde - UFBA.

Tilson Nunes MOTA

Escola de Enfermagem da UFBA.

Recebido em: 18/04/2020

Aprovado em: 09/11/2020